

Da Psicanálise à Geografia: o uso da associação livre para o estudo das Representações Sociais sobre os areais do SW do Rio Grande do Sul¹

Rozalia Brandão Torres²

Este texto propõe discutir os *links* presentes entre a Psicologia e a Geografia. Para tanto, parte-se do conceito de Representações Sociais sobre os areais que compõem a paisagem de parte da região sudoeste (SW) do Rio Grande do Sul, estado mais meridional do Brasil. Metodologicamente busca-se analisá-lo a partir de uma técnica da teoria psicanalítica - a associação livre. O universo pesquisado diz respeito aos acadêmicos do curso de Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), do Campus Universitário da Região dos Vinhedos, no município de Bento Gonçalves/RS, que são levados a apresentar suas primeiras expressões sobre a compreensão dos areais.

Para compor este artigo, 55 acadêmicos de diferentes semestres entre o início e o final da grade curricular foram submetidos a refletir sobre o lhes vem à mente quando pensam em areais. Após breve aporte teórico, analisam-se as concepções presentes neste grupo de acadêmicos.

Assim, objetiva-se com este artigo discorrer sobre uma abordagem ao estudo das Representações Sociais sobre os areais, através da utilização da técnica da associação livre. Este trabalho inicia-se com a realização de um breve apanhado das interfaces presentes entre a Geografia e a Psicologia, com um detalhamento do método em questão, passando-se a seguir a analisar o conceito de areais.

Para tanto, há um levantamento bibliográfico para compor o desenvolvimento conceitual e metodológico, bem como a análise do instrumento qualitativo aplicado aos acadêmicos de geografia da UCS, no qual deveriam escrever no mínimo três e no máximo cinco palavras que lhes remetesse ao que compreendem por areais. Tal instrumento foi aplicado ao longo do primeiro semestre de 2008, tendo sido analisado no semestre subsequente do mesmo ano.

As Representações Sociais possuem sentido como conhecimento prático, que como aborda Rangel (2007), reúne argumentos no mérito de confirmar que a forma como são erigidas e contraídas pode ainda ser considerado na maneira como se constroem e adquirem os conceitos. Por conseguinte, pensando na relação entre Psicologia e Geografia, utiliza-se de um conceito proveniente da Psicologia Social – Representações Sociais -, sendo realizada sua análise a partir de uma técnica proveniente da Psicanálise – a associação livre -, aplicada a um conceito geomorfológico – areais.

Este estudo baseia-se, portanto, no método de análise das evocações, através de questionamento de evocações para o estudo das representações sociais, fundamentando-se na associação livre fruto de uma palavra instigada, proporcionada por meio de um questionamento, como por exemplo: “quais são as palavras ou expressões que, prontamente, lhe vêm à mente quando você ouve a palavra areais?”

Não é intenção de este trabalho esgotar a complexidade presente na discussão dos temas propostos, uma vez que se trata de um ensaio preliminar e de um experimento em estabelecer uma associação entre os conceitos. Essa associação entende-se, pode ser

¹ Eixo temático: Respostas teórico-metodológicas da geografia perante as recentes espacialidades

² Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Campus Universitário da Região dos Vinhedos (CARVI), Bento Gonçalves/RS-Brasil; doutoranda em Geografia pela UFRGS.

considerada como uma salutar contribuição ao entendimento das razões que levam os pesquisadores a estudar as representações sociais.

1. Da Psicologia à Geografia

A contribuição da Psicologia dada à Geografia³ se dá, na medida em que nenhuma ciência dá conta de compreender todos os fenômenos sendo necessárias relações com outras áreas. Tanto a Geografia quanto a Psicologia ocupam-se de investigar o homem em sua relação com o meio, sendo a primeira dentro de uma perspectiva espaço-temporal e a segunda através da compreensão da psique humana. Ambas se ocuparão das manifestações intersubjetivas de uma dada sociedade, mantida suas especificidades.

Foi no século XIX que se apresentaram as primeiras interfaces entre Psicologia e Geografia, sendo que os processos psicológicos eram analisados sob a ótica da relação natureza X sociedade. Conforme Moraes (1986), Ritter afirmava que o meio natural determinava o desenvolvimento da personalidade dos povos, ao passo que Ratzel, igualmente no século XIX, ressaltava as questões psicológicas ao aludir que a natureza exerce forte influência sobre a psicologia, primeiramente individual, mais tarde, coletivamente.

Já no século XX, conforme salientado por Peluso (2003), Max Sorre utiliza a expressão Geografia Psicológica ao analisar as correlações entre o meio natural e as funções mentais do sujeito. Recentemente, as perspectivas da Geografia da Percepção e da Geografia Cultural trabalham com os conceitos de percepção, identidade, representações, imagens, dimensão simbólica, signos, ou seja, “*os processos psíquicos de instauração de sentido da realidade*” (op. cit., p. 323). Atualmente, os estudos giram em torno das estruturas psicológicas complexas, como tempo de duração e transformações, seja no espaço, seja no tempo.

2. A associação livre enquanto técnica para o estudo das Representações Sociais

A associação livre, método amplamente utilizado na Psicanálise em seus primórdios, segundo Bleichmar e Bleichmar (1992) teve início com o psicólogo inglês Galton, no século XIX, no qual este pronunciava uma determinada palavra e o paciente expressava verbalmente o que lhe vinha à mente, ou seja, a primeira idéia que representava aquela palavra recentemente pronunciada. Este método de acordo com Laplanche e Pontalis (2004)

[...] consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra,

³ Não se deve confundir a relação entre duas ciências, Psicologia e Geografia, aqui pensada com a perspectiva de análise do espaço urbano, desenvolvida pela Psicogeografia.

A Psicogeografia foi adotada pelo movimento artístico letrista em meados dos anos 1950, na Europa, transformando-se em um programa sistemático de exploração do sítio urbano pelos situacionistas (nome dado aos membros deste movimento artístico), cujo expoente foi Guy Debord, que em seu artigo publicado no jornal surrealista belga *Les lèvres nues*, de 06 de setembro de 1955 explica a acepção deste termo. Psicogeografia foi sugerido por Kabyle para designar o conjunto de fenômenos investigados à época, como o estudo de leis precisas e seus exatos efeitos no meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em virtude da influência direta sobre o comportamento afetivo dos sujeitos. Em sua origem esteve ligada a uma investigação psicológica dos ambientes das cidades, especialmente na exploração urbana através de caminhadas à deriva.

Há relatos de caminhadas à deriva utilizando-se de mapa de outra cidade. No Brasil, existem grupos em Curitiba/PR e Bauru/SP.

número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (p. 38)

tendo sido desenvolvido e utilizado na técnica psicanalítica, aprimorada por Sigmund Freud, vindo a constituir a primeira escola de Psicologia, a Psicanálise.

Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, abandona a hipnose e, praticamente simultâneo a isto, descobre o significado dos sonhos, passando a adotar o método de livre associação de idéias entre os anos de 1892 e 1898, amplamente utilizado em seu famoso caso do tratamento com a paciente Ana O, que denominava tal tratamento como limpeza da chaminé. Freud passa, por conseguinte a considerar este método a regra fundamental para o tratamento psicanalítico, no qual é o próprio paciente quem conduz a relação entre as palavras e os símbolos oníricos. O respeito a esta regra permite a emergência das representações inconscientes, atualizando os mecanismos de defesa do sujeito.

Considera-se a associação livre, uma vez que o desencadeamento das associações não é orientado ou controlado por alguma intenção seletiva, isto é, no caso em questão, o acadêmico tinha total liberdade de escrever junto à proposição aquilo que inicialmente lhe ocorria à mente, não havendo nenhuma interferência externa, ou ainda, não tendo sido fornecido nenhum ponto de partida a não ser o próprio questionamento sobre os reais a serem pensados. É cair no senso comum, portanto, dizer que “*o método das associações livres destina-se a pôr em evidência uma ordem determinada do inconsciente*”. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004, p. 39)

Assim, influenciado pelos métodos de Galton e o psicanalítico freudiano, Jung em 1904, concebe o que vem a ser considerado o primeiro teste projetivo em Psicologia. O teste de associações de palavras consiste em o pesquisador ler um quadro com uma centena de palavras e o paciente respondê-las, uma a uma com somente uma palavra que lhe venha à mente, o mais breve possível, o que corroborou para a formulação de sua teoria dos oito tipos psicológicos, que não é aqui objeto a ser desenvolvido.

Contudo estes testes desenvolvidos por Jung o conduziram a formulação do conceito de inconsciente coletivo, isto é, o conjunto de informações presentes no inconsciente dos sujeitos que dizem respeito à herança mnemônica da humanidade. Estas idéias dão origem ao conceito de arquétipos, ou seja, símbolos emocionais, conforme apresenta Friedman e Schustack (2004). Os arquétipos junguianos são imagens comuns que todas as pessoas possuem e estão formadas desde a origem dos tempos, sendo, portanto, transpessoais. Originam-se

[...] das reações emocionais de nossos ancestrais a eventos que se repetem continuamente (...), [sendo que a] existência desses arquétipos ou padrões emocionais predispõe-nos a reagir de maneira previsível a estímulos comuns e recorrentes. (FRIEDMAN & SCHUSTACK, 2004, p. 119)

São exemplos de arquétipos o mágico, representado pelo feiticeiro, mago ou vidente, a mãe, representada pela avó sábia ou Virgem Maria, o herói, cuja representação é o vencedor, salvador, entre tantos outros arquétipos estudados por Jung.

O conceito de inconsciente coletivo não é sinônimo do de Representação Social, contudo as representações que se fazem dos arquétipos sim, razão pela qual são denominadas de “social”, ou seja, são representações construídas socialmente, no qual parcela da sociedade apresenta um conjunto de idéias comuns acerca de um mesmo tema.

2.1. A associação expressa pela linguagem na análise das Representações Sociais

A linguagem também será na Psicologia pós-freudiana elemento de análise na psicoterapia proposta por Lacan, que se baseia na lingüística de Saussure, na dialética

de Hegel, na antropologia de Lévi-Strauss e na lógica de B. Russel. Lacan acredita que o inconsciente se estrutura como linguagem e esta circunscreve o sentido, formando as estruturas da mente.

Bleichmar e Bleichmar (1992) esclarecem que para Lacan a psicanálise não é uma ciência, nem uma visão de mundo ou tampouco uma filosofia que busca desvelar a chave do universo, mas uma prática, na qual através do método da livre associação é possível se chegar ao núcleo do seu ser. É através da fala do paciente que Lacan, ao dar primazia para o significante, desvela o conteúdo manifesto da linguagem, isto é, identifica um significado e um significante. Não é a palavra em si (significado), mas o que esta representa (significante) que lhe interessa. Lacan adota de Saussure os dois tipos de ordenamentos dos signos, isto é, a concatenação (metáfora) e a substituição de um signo por outro (metonímia). O processo metafórico cria sentido ao passo que na metonímia um significante substitui outro, por contiguidade.

Para melhor compreensão, aborda-se a análise da linguagem, que na Psicologia pós-freudiana caracteriza-se por ser um elemento de análise na psicoterapia proposta por Lacan que acredita que o inconsciente se estrutura como linguagem e esta circunscreve o sentido, formando as estruturas da mente.

É a metonímia que mais apreze na pesquisa realizada, pois não se buscou outro significado, mas palavras que lhes remetiam aquilo que se investiga, apesar de que pela imprecisão conceitual, possa-se sim, dar outro sentido que o original, apesar de não ser a intenção do entrevistando. Exemplificando, quando se fala em areal, as palavras que mais apareceram foram deserto, desertificação e aridez. Em todos semestres pesquisados, outras palavras apareceram, contudo sem representatividade.

A linguagem é privilegiada na análise das representações sociais por alguns autores como Farr (1995); Jovchelovitch (1995); Foucault (1985).e não a fala, o discurso, enquanto forma genuína de expressão eminentemente humana. Para tanto, é a linguagem um dos mais sofisticados elementos da evolução humana, compreendida como uma característica que distingue os homens das demais espécies; é ainda social e se caracteriza como um dos mecanismos de transformação do homem em ser social, sendo também importante como fonte de representações sociais, uma apropriação das construções sociais, vivenciadas no processo de socialização.

Deve-se ter presente que a linguagem exerce um poder representativo que é expresso por signos, resultado das palavras. A questão passa a ser das identidades e das diferenças. Pode-se dizer ainda que o conhecimento é obtido através da comparação entre duas ou mais coisas entre si. Entretanto, para Foucault (*op. cit.*), o conhecimento verdadeiro é fruto de intuição, ou seja, através da inteligência e dedução que se unem às evidências entre si.

É relevante como este autor analisa diferentes objetos, procedendo assim com o signo, que pressupõe uma representação e só se constitui a partir do ato do (re)conhecimento deste. O signo contém duas idéias, a coisa que representa, e a coisa representada. A natureza disto resulta no estímulo da primeira – a coisa que representa - pela segunda – a coisa representada. A condição para que seja binário (representante e representado) é dada pela conjuntura de manifestar aquilo que significa. É necessário que represente, mas esta conjuntura deve achar-se representada nele. Logo, há três termos: a idéia significada, a idéia significante e, em seu interior, a idéia de seu papel de representação, ou seja, a idéia representada.

Contextualizando com a proposta aqui apresentada, equivale a dizer que a idéia significada diz respeito aos areais; a idéia significante une-se ao que remete à representação dos areais; e a idéia de seu papel de representação conduz à

compreensão/visão/representação social que os sujeitos envolvidos no processo possuem acerca do fenômeno areal.

A linguagem possui uma função - a percepção -, a representação enquanto signo. Portanto, a representação se dá a partir da percepção dos objetos; não se tratando de um fenômeno cognitivo, pois não envolve um processo operacional, não havendo alteração no mundo dos objetos. Entretanto é um processo irreversível e supersomático, por conseguinte cumulativo.

Neste sentido, alguns autores como Farr, Jovchelovitch e Foucault privilegiam na análise das representações sociais a linguagem - não a fala -, o discurso, enquanto forma genuína de expressão eminentemente humana. Assim, a linguagem, que é um dos mais sofisticados elementos da evolução humana, é compreendida como uma característica que distingue os homens das demais espécies; a linguagem é social, é um dos mecanismos de transformação do homem em ser social, sendo ainda importante como fonte das representações sociais.

Para Jodelet (1989) uma dada representação social se caracteriza por uma forma de saber prático que une um sujeito a um objeto. No que diz respeito ao objeto, pode ser de natureza múltipla, ou seja, social, material ou ideal. Uma representação relaciona-se com a simbolização e a interpretação, isto é, está no seu lugar e confere-lhe significados, respectivamente. Equivale a dizer que uma representação é uma composição e uma expressão do sujeito, considerada sobre a ótica epistemológica ou psicodinâmica, mas igualmente social ou coletiva, uma vez que se deve considerar na análise o pertencimento e a participação, tanto social quanto cultural do sujeito, isto por que a representação se apresenta como um modelo do objeto, podendo ser apreendida em diferentes suportes linguísticos, comportamentais ou materiais.

É neste sentido que opta-se pela análise da linguagem, através da associação livre, por haver o entendimento que o simbolismo que está presente nesta técnica tem muito ainda a ser explorado pelas representações sociais, uma vez que emanam de construções imagético-simbólicas, construídas socialmente.

As representações sociais são elementos simbólicos que os sujeitos expressam através do uso de palavras e de gestos, conforme apresenta Franco (2004). No caso do uso de palavras, valendo-se da linguagem oral ou escrita, os sujeitos mencionam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que julgamento constroem acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo..., e assim sucessivamente. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são estabelecidas socialmente e estão, essencialmente, ancoradas no domínio da situação real e concreta dos sujeitos que as emitem.

Destarte, para estudá-las, em um primeiro momento é mister conhecer as condições de contexto em que tais sujeitos estão inseridos mediante a realização de uma atenta análise contextual. Portanto, as representações sociais são historicamente construídas e estão estreitamente atreladas aos diversos grupos sociais, econômicos, culturais e étnicos que as expressam através de mensagens, e que se refletem nos diversos atos e nas inúmeras práticas sociais. Há, assim, que se considerar que as representações sociais, inúmeras vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do senso comum, sempre exprimem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, isto é, suas condições socioeconômicas e culturais. Daí a relevância em conhecer os emissores não apenas no que tange às suas condições de subsistência ou de suas situações educacional ou ocupacional. É necessário, neste ínterim, aumentar esse conhecimento para a compreensão de um ser histórico, enraizado em uma dada realidade sócio-familiar, com expectativas

diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diversos níveis de apreensão crítica da realidade.

Quando se fala em representações sociais, parte-se de outras premissas. Acredita-se que elas são construções mentais erguidas socialmente, a partir da dinâmica que se constitui entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. A relação é dada na prática social e histórica da humanidade e generalizada pela linguagem. A ruptura com a tradicional dicotomia entre objeto e sujeito do conhecimento, que atribui compacidade epistemológica à teoria das representações sociais, conduz à conclusão de que o objeto pensado e falado é obra da atividade humana, ou seja, uma cópia fiel interiorizada da ação.

Nesse sentido, Franco afirma que as representações sociais são condutas em miniatura. Por esta razão atribui-se um benefício preditivo, uma vez que, conforme o que um sujeito diz, não apenas pode-se inferir suas concepções de mundo, como ainda pode-se deduzir sua orientação para a ação. Isso governa a percepção das representações sociais como essenciais indicadores que se traduzem na prática cotidiana. Não obstante de sua importância, há requisitos que devem ser analisados sob máxima atenção quanto ao estudo das representações sociais.

3. Os conceitos

3.1. Representação Social

O conceito de Representação Social foi desenvolvido na Psicologia Social por Sèrge Moscovici e utilizado em diversas ciências, como a Sociologia e mais recentemente a Geografia.

No que diz respeito ao conceito de Representação Social, a primeira referência vem da análise de Moscovici (1989), considerado o pai da Teoria das Representações Sociais, além de Foucault (1985), Jodelet (1989), Jovchelovitch (1995), Minayo (1995), Farr (1995) e Sá (2002).

Para Minayo (*op. cit.*) foi Durkheim quem primeiro trabalhou explicitamente o conceito de representação social, ainda que o denominasse de representação coletiva, enquanto uma referência a categorias de pensamento que não são dadas *a priori*, no qual determinada sociedade elabora e expressa uma dada realidade. Estas categorias não são universais no plano consciente, pois conforme este teórico, inicialmente estão vinculadas aos fatos sociais⁴, que se transformam, a seguir, nos próprios fatos sociais. Neste ínterim, as representações sociais são dotadas de fenômenos reais, com forma e propriedades específicas, expressas no âmago da sociedade.

Moscovici (*apud* FARR, 1995) ao privilegiar a escolha de um ancestral, dá ênfase à continuidade entre passado e presente. Seu estudo sobre as representações da psicanálise foi sem sombra de dúvida, uma contribuição não apenas à Sociologia do Conhecimento, mas igualmente à Geografia da Percepção.

Hoje, segundo Moscovici (1989), as sociedades modernas, complexas como as sociedades industriais, estão caracterizadas pela pluralidade e rapidez com que as alterações econômicas, políticas e culturais e, sobretudo, sociais se dão. Neste sentido, é mais adequado falarmos em representações sociais, o que por si só dá a ideia de uma evolução do pensamento acerca do processo de construção do ideário imaginativo social.

Esta teoria surge para tentar explicar as contradições na relação indivíduo-sociedade e como se constrói essa relação, é o que aponta Jovchelovitch (1995). Assim,

⁴ Para Durkheim, fatos sociais são os modos de pensar, sentir e agir de um grupo social e que estão na mente do indivíduo, são exteriores a ele e exercem um poder coercitivo.

considera as representações sociais um fenômeno psicossocial, mediador entre sujeito e sociedade, que obrigatoriamente estão radicadas no espaço público.

As Representações Sociais para esta autora surgem, de um lado, a partir da atividade e relação com os outros, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo, que simultaneamente descobre e constroi; e de outro lado, permitem a existência de símbolos que nela se encontram, produzindo uma leitura/visão de mundo. Assim, para Jovchelovitch (*op. cit.*), a análise das representações sociais está centrada nos processos de comunicação e vida que as engendram e conferem-lhe uma estrutura peculiar, que denomina "*processos de mediação social*" e, neste sentido são, em seu entendimento, estes que produzem as representações. Logo, são estratégias desenvolvidas por sujeitos sociais, no intuito de enfrentar a diversidade e a mobilidade do mundo ao qual estão inseridos, transcendendo a cada um dos indivíduos.

Assim, as representações são reconhecidas como fenômenos psicossociológicos condicionados histórica e culturalmente. Tal explicação se dá necessariamente aos níveis das análises posicional e ideológica, bem como aos níveis intrapessoal e interpessoal, uma vez que as representações sociais, como diz Farr (*apud* SÁ, 2002), estão na cultura e na cognição, circulam por meio da comunicação social diária e diferem conforme os conjuntos sociais que as elaboram e as utilizam. Por conseguinte, a pesquisa empírica sobre as representações sociais não produz resultados aplicáveis ou generalizáveis a outros contextos.

Entende Moscovici por representações sociais (*apud* SÁ, 2002),

(...) um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (p. 31)

Isto se verifica em muitas respostas às questões solicitadas junto ao grupo de acadêmicos, como a menção a deserto ou dunas como representante de areais, por exemplo.

A semelhança situa-se ao lado da imaginação, ou melhor, aparece em razão da imaginação e esta se exerce quando se apoia nela. Na representação, as impressões por mais ingênuas que sejam e se não houvesse o menor grau de semelhança entre elas, não haveria a menor possibilidade para que a imaginação lembrasse a semelhança, assim, marcando sua representação no imaginário. Se, de fato, não se verificar esta relação entre semelhança e imaginação, ter-se-iam impressões que se sucederiam na total diferença, não podendo ser percebidas, já que uma representação não teria ocasião de estabelecer-se em um lugar, de renascer entre outra mais antiga, justapor-se a ela, dando lugar à comparação. A sutil identidade indispensável a qualquer diferenciação sequer dar-se-ia.

As representações sociais podem ser encaradas igualmente como uma expressão real no interior da individualidade e, uma expressão exterior do afeto, revelando o poder de criação e da transformação da realidade social, conforme aponta Jodelet (1989). Por conseguinte, as representações sociais são estudadas a partir da articulação dos elementos afetivos, mentais, sociais, havendo integração com a cognição, a linguagem e a comunicação junto às relações sociais que afetam as representações e as realidades: material, social e ideativa, na qual intervêm. Isto equivale a dizer que as representações são assimiladas a partir de um campo social estruturado.

É neste contexto que resgata-se o conceito desenvolvido por Moscovici (1989) de representações sociais no qual sujeito e sociedade se cruzam. Jodelet (*apud*, PELUSO, 2003) discorre sobre "*a idéia de que a sociedade fala, mas o indivíduo emite*

o discurso, permite-se pensar o subjetivo/individual e voltar ao campo do geral e do objetivo, num movimento dialético muito produtivo” (p. 323).

Segundo Moscovici (1989), as sociedades modernas, complexas como as sociedades industriais, caracterizam-se pela pluralidade e rapidez com que as alterações econômicas, políticas, culturais e sociais se dão. Assim, é mais adequado se falar em Representação Social, o que por si só dá a idéia de uma evolução do pensamento acerca do processo de construção do ideário social.

Tal conceito apresenta três dimensões estruturais: a informação, a atitude e o campo de representação ou imagem. A informação diz respeito à ordenação dos conhecimentos que determinado grupo apresenta no tocante a um objeto social; a atitude focaliza a orientação global no que tange ao objeto da representação social; o campo de representação apresenta a idéia de imagem, o modelo social, o conteúdo concreto e limitado das sugestões quanto ao aspecto preciso de objeto da representação.

Assim, para Moscovici, que na década de 1960 propõe o conceito de representação social, a compreende como um conjunto de conceitos, de proposições e de explicações cunhados na vida cotidiana no decorrer da comunicação interindividual. Este autor propõe a superação dos modelos que percebem as representações sociais como simples variáveis intermediárias entre o estímulo e a resposta para ponderá-las como variáveis independentes, que estão na gênese não apenas das respostas comportamentais, mas igualmente da forma como são percebidos os estímulos.

A representação social é então entendida como constructo de um objeto e expressão de um sujeito, possuindo forte ressonância social, uma vez que se trata de *“uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”*. (JODELET, 1989, p. 36)

Para Moscovici as representações sociais não se sustentam somente das teorias científicas, mas ainda de grandes eixos culturais, de ideologias formalizadas, de experiências e comunicações cotidianas.

Conforme a teoria das representações sociais proposta por seu idealizador, dois são os processos principais responsáveis pela formulação do pensamento social: a objetivação e a ancoragem. A objetivação incide no processo de formação de um todo coerente através da seleção e descontextualização do objeto e em um segundo momento, de esquematização estruturante tendo como objetivo formar um esboço ou nó figurativo permitindo organizar um modelo de relações estruturadas nos principais elementos do objeto de representação. O processo de objetivação finda com a naturalização dos padrões de relações que passam a ser encarados, não somente como reais e materialmente exatos, mas ainda como categorias naturais, descritivas e, por conseguinte explicativas e normativas, fazendo deste modo equivaler o conceito à realidade.

No que tange à ancoragem, esta pode preceder ou seguir o processo de objetivação, podendo servir, no primeiro caso para compor as novas informações em categorias que o sujeito já possui obra de experiências anteriores, ou na outra hipótese, conferir sentido aos acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos ou fatos sociais que assim demonstram e formam as relações sociais.

A representação social é mais do que um estereótipo, contudo este compõe uma parte respeitável da representação social, conforme desenvolve Baptista. É ainda considerada como uma elaboração teórica de enorme magnitude, podendo ser qualificadas de locais, devido ao fato do seu domínio de explicação e ponto de aplicação ser reiteradamente muito limitados.

Desta forma, as representações sociais reportam-se fatalmente às pertencas sociais do sujeito, aos seus modos de comunicação, à sua funcionalidade e eficácia social. Destarte, as representações sociais não são simplesmente reprodução mental da realidade externa do sujeito, ou seja, sua cognição social, porém passam a carregar a realidade contraindo foros de compacidade ontológica, orientando assim as cognições e os comportamentos dos sujeitos.

Conforme apresentado por Baptista, a cognição social não deve ser entendida como sinônimo de pensamento social. Apesar das desejáveis articulações, diz respeito a duas perspectivas distintas no âmbito da Psicologia Social. Os conteúdos não são usualmente relevantes nas teorias da cognição social, uma vez que buscam conhecer processos universais e internos através dos quais se constitui o conhecimento, tendendo muitas vezes a prescindir das emoções e formar uma teoria molecular pela descrição de processos e estruturas simples.

Já para as teorias do pensamento social, o conceito central é a representação social, buscando-se conhecer os contextos históricos, culturais e ideológicos cujos conteúdos possam ser valorizados e articulados aos processos; é dado um valor central aos processos de interação na formação do pensamento do senso comum, no qual se articulam os planos cognitivo, avaliativo e emocional e o pensamento social é entendido como ingênuo, considerando que a totalidade não se obtém por simples somatório das partes.

As representações sociais são desenvolvidas a partir de quadros de apreensão que geram os valores, as ideologias e os sistemas de categorias sociais partilhados por diversos grupos sociais; visto que constituem e andam através da comunicação social; e finalmente, porque revelam as relações sociais em igual tempo que contribuem para a sua produção.

As representações sociais, conforme Campos e Rouquette (2003) são determinadas enquanto tipo de pensamento social, e este sendo também mediado por uma proporção afetiva. A representação social se estabelece como uma organização, isto é, uma estrutura atravessada por inúmeras dimensões. A partir do momento em que os sujeitos fornecem um julgamento do objeto de representação, ou ainda de alguns de seus aspectos, é possível afirmar que uma dimensão afetiva é acionada em seu raciocínio, como por exemplo, gosto disto ou detesto aquilo.

O que se tem para constituir o conceito de representação social são dois critérios, assim entendidos: o quantitativo e o genético. Toda a representação social é dividida por um conjunto de sujeitos e é coletivamente determinada, fruto da atividade cognitiva e simbólica de um dado grupo social. Assim é também o caso do estereótipo, que forma um conjunto de crenças, teorias e visões de um ou vários grupos sociais sobre o seu objeto de estereotipia. Do ponto de vista genético, os estereótipos emergem como representações sociais divididas que refletem e possuem gênese em projetos, problemas e estratégias de grupos sociais.

Tal como as representações sociais, contudo sem serem sinônimos, os estereótipos possuem como função formar e orientar, tanto a comunicação como os comportamentos. As representações sociais, quando emergem sob a forma de estereótipos sociais, se caracterizam como teorias sociais práticas, saber prático, organizadores de relações simbólicas entre os sujeitos sociais. Trata-se, todavia, de dois conceitos distintos, uma vez que remetem a dois níveis de abordagem cujo grau de generalidade distingue-os: se os estereótipos sociais podem ser encarados como formas de representação social, o contrário não se verifica, pois nem todas as representações sociais originam estereótipos.

Assim, o estereótipo diz respeito a percepções socialmente compartilhadas pelos sujeitos que pertencem a diferentes grupos; adquirem um caráter de rigidez e elevado grau de generalização. Possui um ponto de aplicação normalmente exato, um forte componente afetivo e encontra-se com frequência no alicerce de atitudes de discriminação e exclusão social. Já as representações sociais podem conter todos estes elementos (até mesmo estereótipos sociais), contudo, no caso de não abarcarem claras categorizações de grupos sociais, podem não sujeitar qualquer forma de estereotipia social, não implicando fenômenos de discriminação social.

Duas perspectivas de análise das representações sociais enquanto processo se abrem. De um lado, há uma perspectiva tradicional, onde se estuda muitos sujeitos para compreender a diferença; de outro lado, estudam-se casos individuais, cujo intuito é o de se buscar, na relação representação-ação, aqueles mecanismos cognitivos e afetivos que criam as representações sociais. Assim posto, todo estudo que envolve representações sociais, prima pela qualidade dos resultados e não pela quantidade de entrevistados, contudo a amostra pesquisada deve ser representativa do universo.

3.2. Areais

Os areais são característicos do SW do Rio Grande do Sul, Brasil, que segundo Suertegaray *et. al.* (2001) se caracterizam por depósitos areníticos recentes, apresentando-se pouco ou nada consolidados. Possuem cobertura vegetal escassa ou inexistente. Os areais encontram-se trabalhados pelos agentes climáticos. Originaram-se da intensificação do escoamento superficial, propiciando a formação de ravinas e voçorocamento, além da aderência na base dessas feições de leques deposicionais de areia. Os areais são de origem natural, contudo há o agravamento pela ação antrópica. Assim, entende-se por arenização:

O processo de retrabalhamento de depósitos arenosos pouco ou não consolidados que acarreta nestas áreas uma dificuldade de fixação da cobertura vegetal, devido à intensa mobilidade dos sedimentos pela ação das águas e dos ventos. Consequentemente, arenização indica uma área de degradação relacionada ao clima úmido, onde a diminuição do potencial biológico não desemboca em definitivo em condições de tipo deserto. Ao contrário, a dinâmica dos processos envolvidos nesta degradação dos solos são fundamentalmente derivados da abundância de água. (SUERTEGARAY, *et.al.*, 2001)

O processo de voçorocamento, conforme explicado por Suertegaray (1992) se dá a partir da ação do lençol freático que no subsolo vai removendo internamente o arenito, até que o terreno na superfície termine sedendo, sendo que em um primeiro momento formam as ravinas e posteriormente as voçorocas.

A formação dos areais, presentes em extensas áreas onde o deserto do Botucatu aflora, é resultante do desgaste erosivo do recapeamento basáltico combinado com a ação eólica que espalha estas areias, como que em dunas. Como melhor nos explica Suertegaray *et al.* (2001) é na seqüência do processo de voçorocamento através da:

[...] erosão lateral e regressiva, consequentemente, alargando suas bordas por outro lado, à jusante destas ravinas e voçorocas em decorrência do processo de transporte de sedimentos pela água durante episódios de chuvas torrenciais, formam-se depósitos arenosos em forma de leques. Com o tempo esses leques vão se agrupando e em conjunto dão origem a um areal. O vento que atua sobre essas areias, em todas as direções, permite a ampliação deste processo.

Os solos são, em sua origem arenosos e frágeis, sofrem uso inadequado, que com a ação contínua de máquinas agrícolas, adubos químicos em excesso e pisoteio do gado, contribui ainda mais para o seu desgaste. As áreas mais conhecidas na região são

o “deserto” de São João, em Alegrete, e o “deserto” de Puitã, em São Borja, sendo na verdade formações de areais, ou seja, onde o deserto de Botucatu aflora, por já ter erodido a fina camada de basalto, que o recobriu no período Cretáceo, da era Mesozóica, recoberto por depósitos sedimentares mais recentes. A palavra deserto encontra-se entre aspas porque é a forma como são localmente conhecidos, contudo, como já apresentado, tratam-se de areiais.

4. Resultados: as representações sobre os areais

A partir da pesquisa, é possível de se analisar quanto às Representações Sociais sobre os areais concepções que perpassam independente do semestre em que os alunos se encontram e outras que relacionam-se ao período em que se encontram no curso. O que fortemente lhes vem à mente quanto às representações sobre os areais pode assim ser resumida:

A) um perfil de resposta que esteve presente apenas para os acadêmicos do início até o meio do curso:

- 14,5%⁵ referiram-se a nada ou irreal;
- 5,5% representaram como imagem ou imaginação.

B) respostas presentes a partir do 5º semestre de curso:

- 14,5% identificaram como um problema ou degradação ambiental;

- 12,7% afirmaram não ser igual a deserto, ainda que não soubessem muito bem especificar o que sejam areais;

- 12,7% representaram como dunas ou praia ou ainda litoral;
- 10,9% indicaram sua localização no estado do Rio Grande do Sul.

C) independente do semestre em que os acadêmicos encontram-se:

- 56,4% associaram areais com deserto ou desertificação e/ou aridez;
- 30,9% representaram areia ou arenização;
- 18,2% de respostas que conduziram a ideia de pouco ou pobreza – de vida, de vegetação, de pessoas;
- outras com mínima expressividade.

Tomando as três palavras e/ou expressões mais citadas quanto ao que remete a palavra areal, observou-se que nos diferentes semestres deserto, desertificação ou aridez aparecem com maior frequência. Aglutinou-se aridez neste bloco de respostas, uma vez que esta característica é típica do clima desértico. Depois de deserto e areia, nada ou irreal foram as mais citadas para os acadêmicos do primeiro semestre. Razões possíveis para que estas palavras são encontradas em acadêmicos do início do curso, pode ser explicado através da própria grade curricular, ou seja, ainda não cursaram as disciplinas de Geomorfologia e Geografia do Rio Grande do Sul.

Contudo, aos acadêmicos que se encontram no quinto semestre, já ter passado, teoricamente pela disciplina de Geomorfologia, mas não pela de Geografia do Rio Grande do Sul, deserto ou que conduz a esta ideia continua sendo a maior representação, seguido por areia, dunas, destruição. Falsos desertos também teve representação no grupo pertencente a este semestre.

Areia e não é deserto são as principais lembranças para os do sexto semestre. Apesar de nem todos os alunos do curso de Geografia da UCS cursarem todas as disciplinas do semestre, uma boa parte deles opta por cursar as específicas da geografia,

⁵ O somatório é superior a 100% por que as respostas eram múltiplas possíveis.

deixando para mais tarde as denominadas núcleo comum das licenciaturas, o que não invalida tal perspectiva de análise que ora está se propondo.

No sétimo semestre, curiosamente, as palavras que mais remetem à areal conduzem novamente a noção de deserto, apesar de vir seguido de respostas que apontam para a negativa de deserto e para a localização dos areais.

Contextualizando com a teoria aqui apresentada de Representação Social, no tocante às três dimensões, poder-se-ia assim classificá-las:

- 1) Informação: é a ordenação dos conhecimentos, isto a área compreendida por areais;
- 2) Atitude: é a orientação global, ou seja, o que primeiramente lhe vem à mente quando fala-se em areal(is)?
- 3) Campo de representação ou imagem: é a ideia da imagem, que fortemente apareceu, independente do semestre cursado, representado por deserto, desertificação ou ainda aridez.

É possível neste caso perceber a estereotipia do areal como deserto, por representar o senso comum entre os entrevistados, bem como social e economicamente apresentar uma conotação discriminatória, pois a ocorrência e ampliação de areais nas propriedades promoveram a desvalorização das terras.

Conclusões

As representações sociais são apontadas por cargas afetivas, as quais não podem ser analisadas como meros epifenômenos. É possível afirmar que os dados por ora apresentados do significado das representações sociais e a afetividade não se acham dissociados dentro da representação. Tais relações, entre o núcleo central e a dimensão afetiva, ainda devem ser estudadas; contudo estes dados, ainda que provisórios, parecem já corroborar a hipótese de que o sistema central e os elementos afetivamente carregados constituem uma estrutura social, cognitiva e afetiva coerente. Como exemplo, foi mencionado que regionalmente dois dos maiores areais são denominados de “deserto” de São João e de Puitã.

O interesse em compreender o sujeito, agente atuante do e no seu meio, ou seja, construtor do espaço geográfico, gerou a aproximação com a Psicologia Social e o conceito de Representação Social, justamente por possibilitar uma melhor compreensão do imaginário social do sujeito acerca de elementos analisados. Contudo, não se pode esquecer que se é fruto do coletivo, pois a essência humana é social, logo, boa parte das concepções, da visão de mundo, é apresentada desde cedo pela família e, no convívio social, nas demais instituições ao qual se faz parte no decorrer da vida, o que vem ampliar estas concepções. Assim, este olhar interdisciplinar busca compreender a dinâmica da construção conceitual do sujeito através de sua subjetividade, bem como compreender como a materialidade espacial se constitui em conteúdos da consciência e percepções de mundo.

Neste momento, você pode estar se indagando qual relação com o proposto? Veja bem, se o método da associação livre permite que venha à tona uma representação inconsciente de algo e, que os arquétipos são símbolos universais, coletivos, logo, quando um acadêmico tem deserto como representante para areais, ele expressa a representação que muitos leigos em geografia, e aqui se inclui a mídia, possuem sobre estes, por exemplo. Atualmente, a mídia apresenta reportagens sobre as dunas presentes no SW do Rio Grande do Sul como sendo deserto ou processo de desertificação no sul do Brasil. É senso comum leigos relacionarem deserto às manchas de areia.

Ainda há muito a ser explorado, mas este breve ensaio serviu para verificar que se o objetivo é adotar o método da associação livre, necessita-se manter maior contato

com os entrevistados, inclusive para esclarecer elementos que surgiram, bem como identificá-los para posteriormente retomar às suas representações, o que remete às duas perspectivas de análise das representações mencionadas neste texto, em que a tradicional estuda muitos sujeitos para melhor compreender as diferenças e, o estudo de casos individuais, vistos como mecanismos cognitivo-afetivos que geram as representações sociais.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social – uma abordagem psico-sociológica**, em <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>, acessado em 16/12/08
- BLEICHMAR, N.; BLEICHMAR, C. **A psicanálise depois de Freud**. Teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 138-169.
- CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. *Abordagem estrutural e componente afetivo das Representações Sociais*. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2003, 16(3), pp. 435-445.
- FARR, Robert M. *Representações sociais: a teoria e sua história*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31-59.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1985. (Ensino superior).
- FRIEDMAN, Howard S.; SHUSTACK, Miriam W. **Teorias da personalidade: da teoria crítica à pesquisa moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2004, p. 116-122.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência*. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, pp. 169-186, jan./abr. 2004
- JODELET, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris, Presses Universitaires de France, 1989, p. 31-61.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1995, p. 63-85.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 38-40.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O conceito de representação social dentro da sociologia clássica*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 89-111.
- MORAIS, A.C.R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1986
- MOSCOVICI, Serge. *Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire*. In: JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p.62-86.
- PELUSO, M. *O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental*. **Revista Estudos de Psicologia** 2003, 8(2), 321-327.
- RANGEL, Mary. *Ensaio sobre aplicações didáticas da Teoria de Representação Social*. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, 10(2): 11-22, 2007.
- SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Deserto grande do sul:** controvérsia. Porto Alegre, Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes *et. al.* *Projeto arenização no Rio Grande do Sul: gênese, dinâmica e espacialização.* **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 287, mar/2001.